



Infância, sexualidade e gênero em paredes de escolas públicas do Ensino Fundamental em Uruçuí

Pedro Martinho Sobrinho Mendonça¹
Denise Hosana de Sousa Moreira²
Vanessa Oliveira Silva³
Darlane de Sousa Morais⁴

RESUMO

Esta não foi uma pesquisa com crianças, mas de vestígios de sua passagem por escolas públicas na cidade piauiense de Uruçuí. O presente trabalho é parte de um estudo maior em Sociologia da Infância e teve o objetivo de identificar o que diziam as pichações de cunho sexual acerca dos seus autores anônimos. Para o alcance do objetivo proposto, foram fotografados sanitários, salas de aula e áreas de lazer de duas escolas públicas municipais do Ensino Fundamental. Frequentadas por crianças de 7 a 14 anos. A metodologia adotada envolveu estudo exploratório descritivo e análise quali-quantitativa. Entre os resultados obtidos, foram destacados para esta exposição à prevalência de pichações de cunho sexual nos sanitários masculinos em relação aos femininos, bem como o tratamento caricato e pejorativo da sexualidade nesse modo de expressão. A diferença quantitativa no uso das pichações entre meninos e meninas pode sugerir a necessária inserção do assunto nas discussões de gênero e o modo depreciativo no tratamento à sexualidade pode indicar a importância da continuidade deste estudo e de reflexões acerca da sua efetiva inserção da educação sexual nos currículos escolares.

Palavras-chave: Infância; Gênero; Sexualidade; Pichações; Escola.

INTRODUÇÃO

Durante a realização das práticas no curso de Pedagogia foi possível desnaturalizar as pichações impressas nas paredes escolares. O interesse por tais registros surgiu após sucessivas visitas às escolas de Ensino Fundamental. Em momentos de

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI,
pedrosmendonca@hotmail.com;

²Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho, Docente com Dedicção Exclusiva na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, denisehosana@urc.uespi.br.

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI,
yanna.oliveira21@gmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI,
darianesousamorais@outlook.com ;



reposo, foi possível reagir com estranhamento àquele fenômeno em decorrência da constatação do seu excesso. As marcas daquelas presenças deixadas pelas crianças ocupavam quase todos os ambientes, das salas de aula aos sanitários, dos refeitórios às áreas de lazer. Somente um olhar mais atento deu a perceber a sexualidade ali presente. Foi, portanto, para a identificação o que diziam as pichações de cunho sexual acerca dos seus autores anônimos que se voltou o presente estudo.

A temática da sexualidade tem sido apresentada na literatura educacional sob diversos enfoques. Neste trabalho, a perspectiva adotada foi a Sociologia da Infância pelo fato de pressupor a criança enquanto ator social e, por conseguinte, como um sujeito de direitos, Sarmiento (2011). Esse entendimento passa pela expressão de suas percepções e construções culturais. No espaço escolar, há várias possibilidades de sua expressão e os registros deixados em paredes correspondem a uma delas.

A pichação é algo tão cotidiano no ambiente escolar que, por vezes, não se busca entender suas mensagens. Segundo Barchi (2007), podem ser encaradas como sinônimo de protesto, vandalismo, passatempo, entre outros. Portanto, as pichações em paredes escolares constituem um material passível de estudo científico na busca pelo entendimento de culturas de infância.

METODOLOGIA

Para Gil (2007), a pesquisa pode ser classificada em três categorias: exploratória, descritiva e participativa. A exploração e a descrição atenderam ao propósito deste estudo, uma vez que, segundo o autor, o tempo prolongado no campo da investigação favorece a sua realização. Este estudo ocorreu durante a prática no curso de graduação em Pedagogia. Aplicada durante esse período, a abordagem exploratória possibilitou uma maior familiaridade com o problema.

A recolha de dados foi feita mediante prévia autorização das diretoras de 2 escolas públicas de Ensino Fundamental frequentadas por crianças de 7 a 14 anos. Após a aprovação do pedido de autorização para a pesquisa, utilizamos aparelhos celulares para a recolha fotográfica dos dados.

O objeto em questão neste estudo foi constituído unicamente de pichações feitas em paredes internas de escolas. Os locais de recolha correspondem a salas de aula,



sanitários e as áreas comuns de acesso a todos os alunos da escola. As circunstâncias escolhidas para os registros foram os horários em que as dependências das escolas estavam desocupadas pelas crianças, de modo a evitar a perda de sua ação anônima e espontânea.

O tratamento aos dados recolhidos foi a análise quali-quantitativa, considerada por Knechtel (2014) como aquela que interpreta as informações de maneira quantitativa, por meio de expressões numéricas, e qualitativa, mediante descrições interativas com o fenômeno. Das fotografias, foram selecionadas todas as que apresentaram pichações de cunho sexual e delas foram classificados 03 modos de expressão: desenhos, palavras e frases. Em seguida, foi realizada a quantificação e qualificação dos dados selecionados, de onde foram obtidos os primeiros resultados da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os primórdios da humanidade, é sabido que as pichações em paredes representam formas de expressão, até mesmo antes da escrita. Seus traços servem para identificar características de uma determinada época, como costumes e valores. Entretanto, talvez pela impropriedade de sua localização, tenham sido evitadas como objeto de estudo, enquanto fonte de informação acerca dos seus autores na atualidade.

Para Barchi (2007) as pichações estão “satanizadas”. Representam uma forma de manifestação marginalizada pela sociedade. De acordo com Gitahy (1999), o ato de pichar se relaciona a sujar com piche, escrever em muros e paredes, falar mal e, com isso, o próprio termo é carregado de preconceitos. Assim, a apreensão reflexiva dessa manifestação cultural perde espaço quando recebe o nome de pichação.

Enquanto meio de expressão cultural, as pichações podem conter inúmeras informações acerca de seus autores. Em ambientes escolares de crianças, as pichações podem representar expressões de suas culturas de infância observáveis desde os primeiros anos em que consigam fazer uso de meios para a sua realização. De algum modo, evoluem para representações da realidade social onde estão inseridas e, em algum momento, podem abranger temas considerados impróprios para suas idades biológicas. Entre esses está a sexualidade e as aprendizagens de gênero.

Yano e Ribeiro (2011) consideram que:



A sexualidade infantil é um processo natural e cultural desenvolvido desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe. O respeito à manifestação da sexualidade é um direito da criança. Cabe ao adulto assegurar esse direito, permitindo que ela vivencie e conheça as atividades sexuais próprias da idade. (YANO & RIBEIRO, 2011, p. 1316).

Em seu estudo, as autoras identificaram referências das crianças ao ato sexual como algo sujo, que não deveria ser abordado por elas em função de suas idades, bem como o estabelecimento de relações de gênero, ou seja, relacionaram sexo a papéis sociais de homens e mulheres.

Ainda que o termo gênero seja de uso comum, sua evolução conceitual passa por várias delimitações em estudos da sexualidade humana. Cabe estabelecer os limites aplicados aqui. A concepção de gênero adotada neste estudo correspondeu a uma das apreensões feitas por Louis (2006), do gênero como o sexo social, de ser uma construção feita a partir do sexo biológico, ou seja, do gênero enquanto “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (LOUIS, 2006, p. 716).

Adotar a concepção de gênero como construção social a partir do sexo biológico implica em admitir a sexualidade como inerente à natureza humana e o gênero como decorrente de um dado contexto histórico e social. Uma vez que a construção cultural do gênero resulta de um conjunto diverso de fatores sociais relacionados ou não entre si, coube destacar alguns entre muitos outros considerados relevantes para esta abordagem.

Wenetz, Stigger e Meyer (2013) descreveram construções nos modos de ser menino e ser menina a partir de observações feitas no recreio em uma escola de Porto Alegre, no Brasil, onde as crianças não brincam todas juntas, não fazem o que querem e os espaços funcionam como territórios para determinados grupos de determinado gênero. Assim, a escola delimita sua liberdade de expressão.

Xavier Filha (2014) identificou características repassadas pelos adultos em sua pesquisa sobre gênero. Segundo ela, a título de exemplo, os adultos constroem os livros infantis e, assim, fazem entender a relação da cor azul para meninos e da cor rosa para meninas. No entanto, as crianças usam as cores sem restrições padronizadas quando constroem suas próprias histórias.

Um estudo mais recente de Colis e Sousa (2020) mostrou que a interferência adulta na infância se dá muito pela percepção de “inocência” das crianças. Desse modo,



umentam reprodução do discurso de desigualdade alicerçada, por exemplo, no machismo. Segundo Ribeiro (2006), por esse motivo:

Entre as próprias crianças, portanto, ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolve atributos sociais e simbólicos. (RIBEIRO, 2006, p. 168).

Para além das pesquisas de campo sobre a sexualidade estão clássicos com Foucault (1988) e Bourdieu (2002). Para Foucault, a partir do século XVIII ocorreu um processo de repressão sexual da era vitoriana em oposição ao século anterior, quando, segundo ele, a sexualidade não era ofensiva e até mesmo a nudez dos corpos não era vista como obscena ou escandalosa. A sexualidade era tida como natural e limpa tanto por adultos quanto por crianças. A justificativa para a mudança residiu na rigidez da burguesia da época, dedicada a banir toda ameaça à perda de suas riquezas materiais. Assim, os operários não deveriam gastar energia com prazeres e detrimento da produção industrial emergente. A sexualidade deveria ser estimulada apenas para fins de reprodução da força humana produtiva do capital. Por este motivo, nesse contexto, era negada às crianças possibilidade de ouvir ou falar sobre assuntos relacionados à sexualidade. Inclusive eram, então, tidas como desprovidas de sexo.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdité-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Portanto, a repressão sexual tem origem com o início do sistema capitalista, caracterizando-se com uma evidência histórica atrelada ao advento da revolução industrial e sua dedicação à produção intensa.

O fator social se deu mediante simbologias da vivência cotidiana, pelas famílias, escolas e sociedades. Envolve o que Bourdieu considerou como ordem das coisas por meio da máquina simbólica da sociedade.



A representação da vagina como um falo invertido que Marie Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. (BOURDIEU, 2002, p.23).

O autor prossegue considerando que o homem e a mulher eram vistos como duas variantes, superior e inferior, da mesma fisiologia e que até o Renascimento o sexo da mulher era representado como sendo composto dos mesmos órgãos que o do homem, mas apenas dispostos de maneira diversa. Para o autor, com base nessa mentalidade a ordem social funciona como uma grande máquina simbólica que ratifica a dominação masculina sobre a qual se alicerça a divisão do trabalho, do espaço e das tarefas. Assim, a diferença biológica entre os sexos, feita com ênfase na diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode ser vista, segundo ele, como argumento naturalmente construído entre as diferenças sociais de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das fotografias tiradas nas duas escolas observadas durante a realização da pesquisa apresentada aqui, foram selecionadas todas as que apresentaram pichações de cunho sexual e delas foram classificadas as 03 modalidades de expressão e consideradas para efeito de análise: desenhos, palavras e frases. Após essa classificação, foi feita a primeira quantificação e qualificação dos dados.

No que diz respeito às 02 escolas, às 04 salas de aula, aos 02 refeitórios e aos 02 espaços de lazer, foram encontrados em relação à sexualidade:

- a) 20 desenhos de órgãos genitais, com caricaturas de atos sexuais;
- b) 16 palavras ofensivas;
- c) 19 frases pejorativas.

Em termos quantitativos, no que diz respeito às pichações recolhidas de 4 sanitários, sendo 2 masculinos e 2 femininos, foram obtidos os seguintes resultados:

- a) 10 desenhos de órgãos genitais nos sanitários masculinos e nenhum nos sanitários femininos;
- b) dos apelidos ligados à sexualidade, 6 foram encontrados nos sanitários masculinos e 2 nos femininos;



- c) 8 frases pejorativas ligadas à sexualidade foram encontradas nos sanitários masculinos e 3 nos sanitários femininos.

Pelo fato de ser um local frequentado por crianças separadas por sexo, os sanitários foram considerados como locais por onde seria possível estabelecer relações de gênero com as pichações recolhidas nas escolas do Ensino Fundamental.

Em termos qualitativos, à análise dos dados recolhidos nos sanitários das duas escolas observadas revelou a dominância de pichações de cunho sexual nos sanitários masculinos quando comparados aos sanitários femininos. Abaixo, está uma amostra das pichações encontradas nos sanitários masculinos.

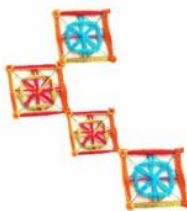
Figura 1- Pichações encontradas em sanitários masculinos.



Fonte: arquivo dos autores.

Em termos quantitativos, além de estarem mais limpos, os sanitários femininos tinham muito menos pichações em comparação aos masculinos e nenhuma referência a órgãos genitais. Em outras palavras, nos sanitários femininos, foi possível constatar a inexpressão à sexualidade se comparados aos sanitários masculinos.

A diferença quantitativa na autoria das pichações de cunho sexual entre meninos e meninas inseriu o assunto nas discussões de gênero. Na busca por uma base teórica de análise qualitativa dos resultados das pichações comparadas quantitativamente, cabe destacar uma observação feita por Scott (1990) de que a sexualidade foi retirada da mulher assim como o trabalho foi alienado do trabalhador. Em outras palavras, o seu prazer foi condicionado ao propósito masculino, não cabendo a ela deliberar sobre suas formas de expressão.



Se comparada quantitativamente à produção dos meninos, a quase ausência de pichações nos sanitários femininos pode transmitir outras formas simbólicas de repressão sexual. Ainda que seja uma prática comum nas escolas, a pichação pode não ser o modo de expressão preferencial das meninas, talvez, entre outras causas, por não ser culturalmente lógica entre crianças educadas para limpar, cuidar, zelar e não para sujar, descuidar ou depredar.

Outro dado relevante observado no estudo foi o alto índice de pichações com frases pejorativas e apelidos dirigidos à genitália feminina e à homossexualidade masculina. Nesse sentido, Louro (2007) diz não mais ser possível omitir os problemas vivenciados pelas minorias. Para a autora, a diversidade deveria ser tratada sem precedentes de marginalização em um mundo globalizado. Entretanto, segundo ela, a escola, ao seu modo, delimita espaços e constrói, direta ou indiretamente, o padrão do ser menina e do ser menino que conhecemos.

Adiante está uma amostra de expressões homofóbicas encontradas entre as pichações em uma das salas de aula onde foi possível ler “Fernando 100% baitola”. Diferente dos sanitários, os traços usados nas salas de aula eram, de modo geral, mais suaves e camuflados entre traços diversos.

Figura 2–Pichação em forma de escrita em uma parede de sala de aula.



Fonte: arquivo dos autores.

Os dados tendem a repetir resultados observados em outros estudos acerca da sexualidade entre crianças e a confirmar as teorias consideradas aqui. Entretanto, a divisão de sanitários exclusivos para meninos e meninas, de certo modo, contraria a ideia



da criança assexuada pretendida na era vitoriana, ainda que seja possível observar a negatividade do sexo expressa em suas pichações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada aqui decorreu do processo de estranhamento progressivo à prática naturalizada das pichações durante a imersão prolongada no cotidiano escolar na graduação em Pedagogia. O desenvolvimento dessa percepção contribuiu para a formulação do objetivo de compreender o que dizem as pichações acerca dos seus autores anônimos. Esse objetivo foi alcançado a partir do momento em que às expressões de cunho sexual apresentaram relação com questões de gênero.

A opção metodológica pelo estudo exploratório e descritivo apresentou adequação aos propósitos do estudo. Entretanto, a impossibilidade de delimitar a precisão da faixa etária dos autores das pichações poderá ser resolvida por meio de uma escolha mais específica no âmbito das escolas de Ensino Fundamental. Em outras palavras, será necessário localizar escolas frequentadas exclusivamente por crianças menores e por crianças maiores em relação a uma determinada faixa etária e entre elas, realizar estudos comparativos.

Considerando as pichações como manifestações de autores anônimos, os dados revelaram, na sexualização e objetificação do corpo feminino e nas expressões de homofobia, um machismo expandido ao universo infantil tendente para a marginalização de grupos sociais, observado nas primeiras experiências interativas entre crianças.

De acordo com o exposto, questões de gênero e sexualidade presentes em outras pesquisas sobre o tema coincidiram com os resultados alcançados acerca das pichações nas paredes escolares observadas no momento inicial deste estudo. A abordagem caricata e pejorativa da sexualidade sugere sua necessária continuidade em direção aos fatores contributivos para a sua recorrência e respectiva superação.

Pensando na perspectiva da infância e não nos valores já construídos e pré-estabelecidos para as crianças, os estudos acabaram por confirmar a importância da educação sexual como algo que deva ser levado em conta nos currículos desde as primeiras etapas da educação escolar. Em outras palavras, os resultados apresentados aqui



revelam a necessidade de pensar a sociedade como um todo em termos de melhorias para o convívio social.

Lembrando de uma menção foucaultiana ao tema da sexualidade, fica, aqui, uma reflexão: se o que era confessado ao padre passou a ser confessado aos psicólogos, neste estudo, por sua vez, o que não foi confessado aos psicólogos pode ter sido confessado, de algum modo, às paredes escolares. Cabe, portanto, prosseguir com o aprofundamento de questões relativas a temas como gênero e sexualidade no universo infantil, sobretudo, por sua fragrante necessidade.

REFERÊNCIAS

BARCHI, R. Pichar, pixar, grafitar, colar: os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária. **TEIAS**, V. 8, P. 15-16, 2007.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Künher. 2.ed. RJ: Editora Bertrand Brasil LTDA, 2002.

COLIS, E. B.; SOUZA, L. L. de. Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação-Intervenção com Professores de Educação infantil. **Rev. latinoam. educ. inclusiva**, V. 14, P. 53-68, jun. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

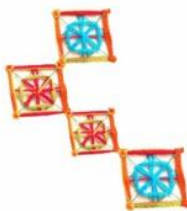
KNECHTEL, M. do R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LOUIS, M. Diga-me: o que significa gênero?. **Sociedade e Estado**. V. 21, P. 711-724, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas**. Unicamp: Pro-Posições, 2007.

RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cad. Pagu**, V. 26, P. 145-168, 2006.

SARMENTO, M. J. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de**



pesquisaemeducação. V. 6, P. 581-602,2011.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, V. 15, P. 5-22, 1990.

WENETZ, I. et al. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, V. 27, P. 117-128, 2013.

XAVIER FILHA, C. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educ. rev**, V. 12, P. 153-169,2014.

YANO, K. M.; RIBEIRO, M. O. O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. **Rev. esc. enferm. USP**, V. 45, P. 1315-1322, 2011.